

EXUMAÇÕES E AUTÓPSIAS DOS ABATIDOS DO REGIMENTO DE SEGURANÇA DO PARANÁ NO COMBATE DO IRANI

Ana Crhistina Vanali¹

Resumo: O presente trabalho fornece a transcrição dos laudos cadavéricos realizado pelo médico Alfredo de Assis Gonçalves dos nove membros da Força Policial do Paraná abatidos no Combate do Irani em 22 de outubro de 1912. O objetivo é fornecer aos estudiosos do Movimento do Contestado acesso a essas fontes históricas, que são documentos oficiais e que se encontram no acervo do Museu Histórico da Polícia Militar do Paraná. Como complemento são apresentadas pequenas notas biográficas sobre os abatidos durante o combate, bem como dos envolvidos nas exumações e autópsias dos cadáveres. Fica-se evidenciado que, em se tratando da Guerra do Contestado, ainda há documentos e manuscritos em diversos arquivos que precisam ser estudados, analisados, registrados e preservados para não se perder essa memória e as lacunas dessa narrativa poderem ser preenchidas.

Palavras-chave: Alfredo de Assis Gonçalves. Laudo cadavérico. Combate do Irani. Vila Comandante Gualberto. Comissão de Socorro às Vítimas do Irani.

INTRODUÇÃO

Irani! Este nome que anteriormente ninguém conhecia, popularizou-se por ter sido o teatro de comovente drama, onde foram arrebatadas preciosas vidas, lugar de fatal hecatombe! Terra amaldiçoada por muitas viúvas, órfãos e parentes dos que ali sucumbiram. (MOREIRA, 1938, p.2)

Conforme depoimento do Tenente Reformado Cantidio da Costa Moreira, que em 1912 era parte do efetivo do Regimento de Segurança do Paraná que estava em Irani, ao jornal

¹ Colégio Policial Militar do Paraná. ana.vanali@sistemafiep.org.br

curitibano Diário da Tarde, em 10 de agosto de 1938, no dia 13 de outubro de 1912, sob o comando do coronel João Gualberto Gomes de Sá Filho, o Regimento da Força Policial do Paraná partiu com um efetivo de 400 homens rumo a cidade de Palmas. A 14 chegaram em Porto União e no dia 18 acamparam na fazenda de Felipe Bueno, na estrada de Palmas, distante 8 léguas da cidade.

Partida da Tropa do Regimento de Segurança Pública do Paraná para a Campanha do Contestado (1912)



Fonte: DESTEFANI (2010)

Na manhã do dia 19, foi tirada uma força do Regimento, composta de 30 praças de infantaria, com os oficiais capitão José de Sousa Miranda, os alferes Libindo Francisco Borges e Joaquim Antonio de Moraes Sarmiento, e três inferiores, além de três praças para guarnecerem uma metralhadora. Também foi organizado um piquete de cavalaria de 19 praças, sob o comando do tenente João Busse e do alferes Adolfo Guimarães, e mais um sargento.

Em seguida, o coronel João Gualberto formou o regimento que seguiria com ele para o Irani. O primeiro pouso teve lugar na fazenda Alegrete, depois do rio Chapecozinho. Em Alegrete, o coronel João Gualberto teve uma conferência com Amazonas Pimpão e Tonico Pinho, a respeito de João Maria, sabendo pelo primeiro que o monge José Maria por ali havia passado, havia poucos dias, acompanhado de uma comitiva de mais ou menos 15 pessoas, entre homens e mulheres e se dirigiam aos campos de Irani.

Às cinco horas da manhã do dia 20, levantou-se acampamento, e os coronéis Amazonas Pimpão e Tônico Pinho acompanharam João Gualberto. Chegaram à Fazenda São João, às 6 horas da tarde. Logo depois da chegada, deu-se o encontro do coronel João Gualberto com Domingos Soares.

No dia 21 pela manhã, seguia para Irani, Domingos Soares como representante do coronel João Gualberto, levando a pedido do mesmo, uma carta a José Maria, com a intimação para que o mesmo se rendesse. As três horas da tarde, julgando Domingos Soares estar preso, pois a distância era pequena, o coronel João Gualberto ordenou que a força de cavalaria marchasse e seguiu com ela, deixando o piquete na fazenda.

Às 3 horas da manhã do dia 22, foi iniciada a marcha do Regimento de Segurança do Paraná, seguindo primeiramente a infantaria, depois a metralhadora puxada por um animal. Fazia a retaguarda o piquete de cavalaria, junto ao qual ia o comandante, o coronel João Gualberto. Conforme as palavras do então, na época, o Sargento Cantídio da Costa Moreira:

Nessa marcha foram colocados os dois corneteiros Francisco Tomaz de Aquino, junto à cavalaria e Quintino João Domingos dos Santos, na frente, os quais tocavam para reunir a tropa, quando se distanciava ou avançar quando se unia. Essa resolução foi sem dúvida tomada, em vista da escuridão reinante e a picada ser tenebrosa, a ponto de ser, durante um quarto de hora, até feito o uso de velas acesas. Foi uma destas velas que espantou o muar conduzido pelo ansepeçada Paixão na ocasião de transpor um córrego, ocasionando a queda da metralhadora e fitas carregadas dentro d'água. O comandante, que se exasperou injustamente contra o ansepeçada Paixão, julgando-o culpado, não permitiu que se demorasse para escorrer a água das caixas de munição e continuou-se a marcha. Depois de andado um quilometro, foi que a aurora começou a despontar. Continuou-se a marcha até uns três quilômetros antes do Faxinal do Irani para cujo acesso se teria de descer uma ladeira. João Pedroso, mais conhecido como João Meia Língua, que guiava a força, disse ao comandante que daí a meia légua mais ou menos existiam duas casas junto a uma pequena restinga, que seria bom vigiar, pois poderiam muito bem açoitarem espíões do monge. O comandante fez seguir então o piquete do tenente Busse, acompanhando-o, afim de explorar o terreno. A ideia fora excelente, pois haviam espíões no local que tiroteavam com a cavalaria, fugindo em seguida. O coronel João Gualberto deu ordem à cavalaria que se apossasse das casas, enquanto ele vinha levar a infantaria, que já avançava ao tiroteio. Apenas chegados, foi ordenado o assentamento da metralhadora, notando-se a força do tenente Busse estendida em atiradores, a pé. Montada a metralhadora, com o prestimoso auxílio do alferes Sarmento, foi a peça conduzida para o lado direito das referidas casas, direção tomada pelos espíões fugitivos, tendo o coronel João Gualberto sentado no selim da peça para



faze-la funcionar. Após o curto disparo, a arma engasgou, devido ter inchado a lona das fitas com o banho do córrego, sendo improficuos os esforços para que funcionasse. Nessa ocasião começamos a distinguir os fanáticos que já vinham avançando a uma pequena distância em nossa direção. A infantaria estendeu também em linha. O comandante continuava interessado em fazer que a metralhadora funcionasse, tendo sido preciso que eu o erguesse, afim de que visse a horda de fanáticos que nos atacava. Foi ordenado o fogo, estando as forças colocadas do seguinte modo: a esquadra do alferes Sarmento à direita, a do capitão Miranda à esquerda e a do alferes Libindo no centro, numa pequena elevação. O coronel João Gualberto, em vista do grande número de fanáticos, calculava em 200 ou 300 homens, uns a pé, outros montados, mandou tocar – DEITAR CORPOS. Vendo a impossibilidade de desengasgar a metralhadora, abandonei-a, e entrei na linha de fogo que já era cerradíssima. Foi mandado dar o toque de - ARMAR BAIONETAS – com certeza para carregar, pois a fumaça de pólvora era intensa, tendo eu posto no bolso o bloco de repetição da Maxim. Foi quando se deu o entrevero. (MOREIRA, 1938, p.1)

As armas Comblain, com que era armada a força, eram velhas e descalibradas; quando se fazia fogo, os projéteis ao sair desarmavam as baionetas. E os jagunços avançavam com seus afiados facões e em número de 6 a 8 para cada um de nós. A luta tornou-se horripilante:

Vi-me cercado por dez fanáticos que me ameaçavam com seus afiadíssimos facões. Defendia-me a tiros, quando vi perto de mim o alferes Sarmento que se batia denodadamente, mas contra grande número de inimigos, caindo gravemente ferido, chegando minha vez de tombar com um ferimento nas costas que me tirou os sentidos. Voltando a mim, fui novamente ferido a facão no pulso esquerdo e na cabeça ficando novamente desfalecido. Ignoro o tempo que durou o meu desmaio, lembrando-me, no entanto, de que quando dei acordo de mim, estava de bruços e todo ensanguentado. Limpei o sangue coagulado, com a mão e fiz esforços para levantar-me, o que consegui, refugiando-se em um banhado que ficava à retaguarda, não sem receber tiro, quando me afastava, até que fui sair na estrada. Procurando acercar-me das forças do capitão Miranda, que ainda tiroteavam, não o pude fazer, porque sendo visto por três jagunços, tive que me esconder em um balseiro para não ser morto, pois vários tiros foram disparados sobre mim por eles. Aí fiquei muito tempo, tendo até dormido um sono, tal era a comoção e fadiga. Acordando-me assustado, pois sonhei que ainda lutava, segui em direção da estrada, relanceando a vista sobre o terreno onde se dera a peleja. (MOREIRA, 1938, p.2)

Baioneta Comblain usada pelas forças do Regimento do Paraná



Fonte: <https://armasonline.org/armas-on-line/comblain/>

Facão de madeira utilizado pelos sertanejos



Fonte: Acervo Museu Thiago de Castro (Lages-SC).

O solo ficou coberto de cadáveres, e os sertanejos se perguntavam uns aos outros como teria conseguido a Força do Regimento ter “levado um carrinho para ali”. Se referiam à metralhadora que havia sido abandonada. O sargento Cantidio Moreira acordou e correu até alcançar a estrada onde encontrou o anseçada Francisco de Freitas Vieira, com um ferimento na perna esquerda, produzido por bala. Na fazenda de Izaac, juntaram-se aos cabos Francisco Marzani, José Correia de Oliveira e ao soldado Bolívar. Pouco tempo depois chegou o corneteiro Quintino, com três ferimentos de facão. Às 9 horas da noite também apareceu o alferes Libindo, ferido no braço esquerdo, e sem ferimentos o cabo Manoel Barbosa Lima e o soldado Manoel Benedito da Silva. Na manhã seguinte seguiu a comitiva toda para Palmas, indo pousar a 6 léguas de distância de São João. Saíram dali, no dia seguinte, o tenente Xavier, alferes Libindo, corneteiro Quintino e o sargento Cantidio Moreira, por terem arranjado montarias, chegando a Palmas às 5 horas da tarde, apresentando-se ao major Rosário.

José Maria foi morto nesse combate pelo 2º Sargento Joaquim Virgílio da Rosa. O coronel João Gualberto também tombou. Os sertanejos repeliram a tropa paranaense.

COMBATE NO IRANI: Coronel João Gualberto à frente



Fonte: Acervo do Museu Histórico da PMPR

1. AS BAIXAS DO COMBATE DO IRANI

A Guerra do Contestado inicia-se em outubro de 1912 quando visando defender as terras paranaenses, várias tropas do Regimento de Segurança do Paraná são enviadas para o município de Irani, localidade até então sob a jurisdição do Paraná e hoje pertencente a Santa Catarina, a fim de obrigar o monge e os seus seguidores a voltarem para Santa Catarina. Tem início um confronto sangrento entre tropas do governo paranaense e os fiéis do Monge José maria no lugar chamado "Banhado Grande". Ao término da luta, estão sem vida pessoas, de ambos os lados. Morreram no confronto o Capitão João Gualberto, que comandava as tropas paranaenses, e também o monge José Maria (ROSA FILHO, 1998).

No Combate de Irani além do Capitão João Gualberto, tombaram os seguintes membros das tropas do Regimento de Segurança do Paraná:

1. 2º Sargento Joaquim Virgílio da Rosa
2. 2º Sargento Luiz Pinto de Macedo
3. cabo Marciliano Gonçalves Cordeiro
4. cabo Abel de Jesus Marques
5. anspeçada João Benedito Pereira da Silva
6. soldado Romão dos Santos
7. soldado Afonso Amâncio de Oliveira

8. soldado João Abló
9. soldado João Moraes

Além do Monge José Maria, tombaram os seguintes sertanejos:

1. Domiciano Melo
2. Emygdio Pedro
3. França de Campos
4. Francisco Gomes
5. Guilherme Santos
6. João da Cruz
7. José Quirino
8. Manuel Francisco
9. Marciliano Domingues
10. Miguel Vidal
11. Salvador Vidal
12. Valeriano Gomes

Todos foram enterrados no local hoje conhecido como Vala dos 21, onde também foram depositados os cadáveres encontrados nas cercanias do local do combate. Somente o Monge José Maria foi enterrado com tábuas pelos seus fiéis, a fim de facilitar a sua ressurreição, já que os caboclos acreditavam que este ressuscitaria acompanhado do Exército Encantado de São Sebastião, que os ajudaria a fortalecer a Monarquia Celeste e a derrubar a República, que para eles era um instrumento do diabo, dominado pelas figuras dos coronéis. Os restos mortais do Coronel João Gualberto foram trazidos para Curitiba e seu sepultamento ocorreu no Cemitério Municipal São Francisco de Paula.

Sepultura do Monge João Maria – Irani/SC



Foto: Flavio de Melo (G1, 2009)

Túmulo do Coronel João Gualberto – Curitiba/PR



Cemitério Municipal São Francisco de Paula
Foto: Fernando Zequinão (Tribuna, 2016)

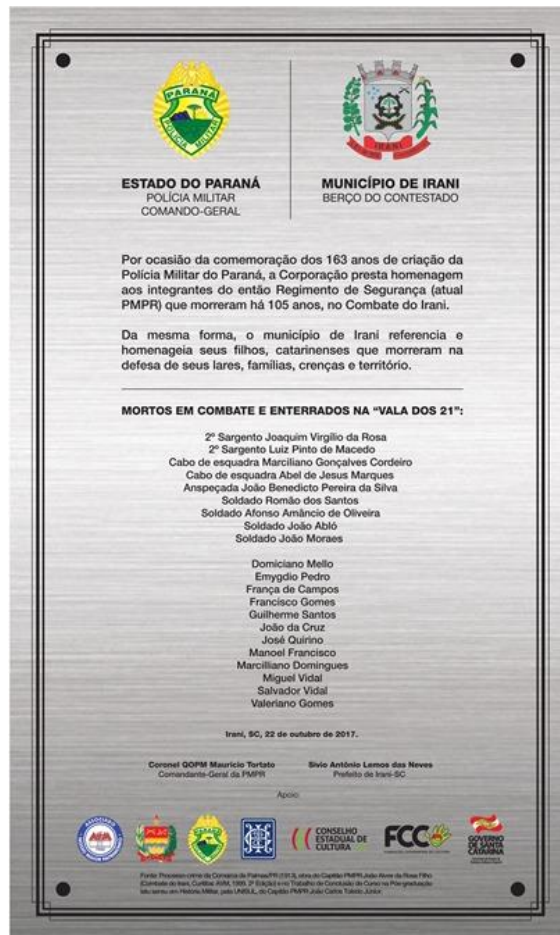
Vala dos 21 – Irani/SC



Fonte: IFC/Videira (2015)

No dia 22 de outubro de 2017, aconteceu uma solenidade de homenagem aos combatentes, soldados e sertanejos, enterrados anônimos na “Vala dos 21” localizada no sítio histórico do Contestado, no município de Irani/SC, com a presença de autoridades de Santa Catarina e do Paraná. O evento foi alusivo aos 105 anos do 1º Combate da Guerra do Contestado e ao final foi encerrada uma placa com os nomes das 21 pessoas ali enterrada.

Placa referente aos 105 anos do Combate no Irani



Fonte: AVM (2017)

2. NOTAS BIOGRÁFICAS DOS ABATIDOS DO REGIMENTO DE SEGURANÇA DO PARANÁ NO COMBATE DO IRANI

1. JOAQUIM VIRGILIO DA ROSA: 2º Sargento

Joaquim Virgílio da Rosa nasceu no Paraná em 1876. Faleceu aos 36 anos de idade tendo 13 anos de carreira no Regimento de Segurança no qual ingressou em 1899. Era o 2º Sargento do Esquadrão de Cavalaria e foi promovido a Alferes² por distinta bravura, pois “foi ele quem

² Alferes é a patente de oficial abaixo de tenente (no Brasil, a designação foi substituída pela de segundo-tenente).

reconheceu o monge durante a sangrenta peleja, liquidando-o com certo tiro de revólver, sendo por isso esfaqueado a golpes de facões pelos fanáticos”³. Era casado com Maria Trindade da Rosa⁴ e tinha uma filha menor chamada Maria Otília⁵.

2. LUIZ PINTO DE MACEDO: 2º Sargento

Luiz Pinto de Macedo nasceu no Paraná em 1886. Faleceu aos 26 anos de idade tendo 4 anos de carreira no Regimento de Segurança no qual ingressou como praça em 9 de dezembro de 1908. Era casado com Francisca Machado de Macedo⁶ e tinha um filho chamado Edison⁷ e uma filha chamada Genny Ormindá nascida em janeiro de 1911⁸.

3. MARCILIANO GONÇALVES CORDEIRO: Cabo de Esquadra

Marciliano Gonçalves Cordeiro, nasceu no Paraná em 1864. Faleceu aos 48 anos de idade tendo 12 anos de carreira no Regimento de Segurança no qual ingressou como praça em 10 de janeiro de 1900.

4. ABEL DE JESUS MARQUES: Cabo de Esquadra

Abel de Jesus Marques, nasceu em 1887, no Rio de Janeiro. Faleceu aos 25 anos de idade tendo 11 anos de carreira no Regimento de Segurança no qual ingressou como praça de 28 de outubro de 1901⁹.

³ Galeria dos heróis anônimos da PMPR: oficiais mortos em combate. Correio de Notícias, 14/07/1987, p. 11

⁴ Diário da Tarde, 27/03/1914, p. 5. A viúva do Alferes Joaquim Virgílio da Rosa casou em 1915 com Humberto Pereira de Andrade. Diário da Tarde, 02/09/1915, p. 2.

⁵ A República, 11/02/1913, p. 2. A República, 08/03/1913, p. 2.

⁶ Diário da Tarde, 11/02/1913, p. 5.

⁷ A República, 27/03/1916, p. 2. A República, 05/09/1921, p. 4.

⁸ Diário da Tarde, 14/01/1911, p. 1.

⁹ Diário da Tarde, 25/03/1916, p. 1. Diário da Tarde, 24/02/1913, p. 1.

5. JOÃO BENEDICTO PEREIRA DA SILVA: Anspeçada¹⁰

João Benedicto Pereira da Silva, nasceu em 1892, na Paraíba. Faleceu aos 20 anos de idade tendo 10 meses no Regimento de Segurança no qual ingressou como praça de 15 de dezembro de 1911.

6. ROMÃO DOS SANTOS: Soldado

Romão dos Santos, nasceu no Paraná em 1889. Faleceu aos 22 anos de idade tendo um ano e dois dias no Regimento de Segurança no qual sentou praça em 20 de outubro de 1911. Era filho de Anna dos Santos¹¹.

7. AFONSO AMÂNCIO DE OLIVEIRA: Soldado

Afonso Amâncio de Oliveira, nasceu no Paraná em 1889. Faleceu aos 22 anos de idade tendo um ano e dois dias no Regimento de Segurança no qual sentou praça em 20 de outubro de 1911.

8. JOÃO ABLÓ: Soldado

João Abló, nasceu em 1885, no Paraguai. Faleceu aos 27 anos de idade tendo 2 anos de carreira no Regimento de Segurança no qual sentou praça em 18 de abril de 1910.

9. JOÃO MORAES: Soldado

João Moraes, nasceu em 1892, no Rio Grande do Sul. Faleceu aos 20 anos de idade tendo 2 anos de Regimento de Segurança no qual sentou praça em 25 de abril de 1910.

¹⁰ Anspeçada = graduação de praça entre soldado e cabo.

¹¹ A República, 19/02/1913, p. 2.

3. NOTAS BIOGRÁFICAS DOS EFETIVOS DO REGIMENTO DE SEGURANÇA DO PARANÁ FALECIDOS EM CONSEQUÊNCIA DOS FERIMENTOS RECEBIDOS EM COMBATE

1. JOÃO TEODORO: Cabo de Esquadra

João Teodoro, falecido em 12 de dezembro de 1912, 1 mês e 20 dias após o combate.

2. FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA: Soldado

Francisco José de Souza, falecido em 7 de janeiro de 1913, 2 meses e 15 dias após o combate.

3. TEODODO SELEROWSKI: Soldado

Teodoro Selerowski, falecido em 6 de março de 1913, 4 meses e 14 dias após o combate.

4. MILITARES FERIDOS NO COMBATE DO IRANI QUE SOBREVIVERAM

Foram 13 policiais militares feridos no Combate do Irani e que sobreviveram conforme Bandeira (1932):

1. JOAQUIM ANTONIO DE MORAES SARMENTO: Alferes (gravemente ferido, com a face bipartida, perda da vista direita e outros ferimentos de facão).
2. LIBINDO FRANCISCO BORGES: Alferes
3. CANTIDIO DA COSTA MOREIRA: Sargento
4. JOÃO FRANCISCO CORREIA DE OLIVEIRA: Cabo da Cavalaria

5. JOÃO MASTECK: Cabo da Cavalaria (ferido a bala no cotovelo direito).
6. FRANCISCO DE FREITAS VIEIRA: anseçada
7. LINDOLFO FERRAZ DE JESUS: anseçada infantaria
8. ANTONIO FELIX PATRICIO: Soldado
9. THEODORO FELEROWSKI: Soldado
10. LUIZ DE FRAGA: Soldado
11. BOLIVAR XAVIER: Soldado
12. MANUEL BENEDICTO DA SILVA: Soldado
13. QUINTINO JOÃO DOMINGOS DOS SANTOS: corneteiro

5. PROVIDÊNCIAS PARA AMPARO ÀS FAMÍLIAS DOS ABATIDOS DO REGIMENTO DE SEGURANÇA DO PARANÁ

O Congresso Legislativo do Paraná concedeu a cada uma das famílias dos membros do Regimento de Segurança mortos no Combate do Irani ou em consequência dele uma pensão mensal 720\$000 (setecentos e vinte mil réis) concedidas as viúvas e filhos menores. Na falta desses, o benefício era concedido aos pais, irmão menores ou irmãs solteiras que fossem seus dependentes¹².

Outra ação tomada de amparo às famílias dos abatidos foi a criação da “Vila Comandante Gualberto” inaugurada em 13 de abril de 1914. Ela ficava situada no prolongamento da Rua Marechal Deodoro entre as ruas José de Alencar (à direita) e Juvevê (à esquerda) no bairro Bela Vista¹³. A vila foi construída pela “Comissão de Socorro às Vítimas do Irany” e as casas foram doadas às famílias dos praças e sargentos abatidos¹⁴. Era composta por oito casas de madeira com quatro compartimentos cada uma. A construção ficou a cargo da construtora Besco & Cia pelo

¹² Projeto Nº 5 do Congresso Legislativo do Paraná de 11 de fevereiro de 1913.

¹³ A República, 08/05/1913, p. 2.

¹⁴ A República, 14/04/1913, p. 2.

valor de 13:120\$000 (treze contos e cento e vinte mil réis). Os terrenos foram adquiridos de Fortunato Paiva por 5:000\$000 (cinco mil contos de réis)¹⁵. O presidente do Estado do Paraná, Carlos Cavalcanti, entregou as chaves das casas as proprietárias, cujo sorteio entre as viúvas teve o seguinte resultado:

- 1º - Maria Trindade da Rosa
- 2º - Viúva de João Abló
- 3º - Anna dos Santos, mãe de Romão dos Santos
- 4º - Viúva de Abel de Jesus Marques
- 5º - Ernestina Machado
- 6º - Francisca Macedo
- 7º - Valentina Gonçalves Cordeiro
- 8º - Francisca da Silva

A “Comissão de Socorro às Vítimas do Irany” era composta por João Pamphilo D’Assumpção (presidente), Affonso Camargo, Annibal Carneiro, Ricardo Negrão Filho e David Carneiro Júnior. Foram realizadas várias festividades para levantarem donativos para a construção da Vila Comandante Gualberto. Conseguiram arrecadar 16:150\$400 (dezesesseis contos e cento e cinquenta mil e quatrocentos réis) tendo um déficit de 1:916\$200 (um conto, novecentos e dezesseis mil e duzentos réis). Como não conseguiram arrecadar todo o montante necessário, o governo estadual assumiu o compromisso de cobrir as despesas¹⁶.

6. DOUTOR ALFREDO DE ASSIS GONÇALVES

¹⁵ A República, 06/03/1917, p. 3.

¹⁶ A República, 06/03/1917, p. 3.

O médico legista da Repartição Central de Polícia que assinou o relatório da exumações e autópsias dos nove cadáveres dos membros do Regimento de Segurança do Paraná abatidos no Combate do Irani foi Alfredo de Assis Gonçalves, o Doutor Assis. Nascido na cidade de Canavieiras, no estado da Bahia, no dia 8 de julho de 1884, filho de João Umbelino Gonçalves e de Rosalina de Assis Gonçalves.

Iniciou as primeiras letras aos sete anos de idade em sua cidade natal. Depois, em 1895 seguiu para Salvador onde fez o curso primário e secundário no internato do Colégio Spencer. Em 1903 entrou para a Faculdade de Medicina da Bahia, obtendo em 1903 o diploma de Farmacêutico e em 1906 o de Médico. Assim que se formou, em 1907 se tornou médico do vapor Jequitinhonha, da navegação baiana, e por esse meio visitou o sul do Brasil. Depois foi para o Amazonas onde atuou como médico até meados de 1908. Em dezembro de 1908 foi nomeado médico do Núcleo Colonial Miguel Calmon¹⁷ no estado do Paraná, cargo que exerceu até agosto de 1910. Nessa época foi apresentado ao então prefeito de Curitiba, Joaquim Pereira de Macedo que o nomeou médico da Higiene Municipal. Após a sua nomeação seguiu para Paris onde realizou cursos de aperfeiçoamento nos hospitais Lariboisiere, Enfants Malades e Cochin, bem como no Instituto Pasteur. Também visitou hospitais da Bélgica, Alemanha, Áustria, Suíça, Espanha e Portugal, retornando para Curitiba, reassumindo seu cargo na prefeitura e fixando-se definitivamente na cidade (COSTA; LIMA, 2007).

Em 1912 foi um dos fundadores da Universidade do Paraná. Integrou desde o início o corpo docente da mesa como professor substituto da cadeira de Medicina Pública do curso de Direito, sendo professor catedrático de cadeiras do curso médico e farmacêutico. Na Faculdade de Medicina do Paraná teve a seguinte trajetória:

- 28/10/1913: nomeado professor de Fisiologia
- 20/04/1914: transferido para a cadeira de Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopedia

¹⁷ Atual município de Ivaí. O Núcleo Colonial Miguel Calmon era composto de 519 (quinhentos e dezenove) pessoas, organizadas pelo governo federal. Foi fundado em 1829 com os primeiros imigrantes poloneses, ucranianos e alemães. Havia também a presença de negros (IBGE, 2020).

- 1916: transferido para a cadeira de Química Médica
- 26/05/1917: transferido definitivamente para a cadeira de Microbiologia
- 1918 a 1922: secretário da Faculdade de Medicina
- 06/07/1945: eleito diretor da Faculdade de Medicina

Foi ainda membro do Conselho Superior Universitário e membro do Conselho Técnico da Faculdade de Medicina do Paraná.

O Doutor Assis exerceu vários cargos nas administrações federal, estadual e municipal. Se aposentou no cargo de Diretor do Instituto Pasteur, onde organizou o serviço antirrábico nos estados do Paraná e de Santa Catarina.

No ano do centenário de seu nascimento, a Universidade Federal do Paraná homenageou o Doutor Assis inaugurando um busto do professor nas esquinas das ruas Alfredo Bufren e Presidente Faria e uma placa de bronze no Setor de Ciências da Saúde. Por ter se destacado em várias atividades públicas e privadas na cidade, a Prefeitura de Curitiba inaugurou uma placa de bronze com seu nome no bairro do Água Verde e a Câmara Municipal de Curitiba nomeou uma das ruas do mesmo bairro com seu nome¹⁸.

Em 3 de maio de 1913 o Doutor Assis casou com Maria Rosa Mader (1892-1970), filha de Nicolau Mader, com quem teve os seguintes filhos:

- João Nicolau Mader Gonçalves (1914-2012), casado com Elza Gomes Gonçalves
- Aureliano Mader Gonçalves (1915-1979), casado com Ritinha de Paula Gonçalves
- Alcebíades Mader Gonçalves (1916-1985), casado com Arminda Gonçalves
- Maria Mader Gonçalves (1918-2005)
- Alfredo Mader Gonçalves (1919-2011), casado com Eneida Peixoto
- Arnaldo Mader Gonçalves (1920-2002)
- Gabriel Mader Gonçalves (1922)

¹⁸ Correio de Notícias, 08/07/1984 p. 6 e Correio de Notícias, 22/11/1984, p. 7.

- Rachel Mader Gonçalves (1922)¹⁹

De 1911 a 1914 Doutor Assis exerceu, com algumas interrupções, as funções de Médico Legista e da Assistência Pública, tendo sido designado pelo então governador do Paraná, Carlos Cavalcanti, em fevereiro de 1913 para realizar a exumação e a autópsias dos cadáveres dos membros do Regimento de Segurança, mortos no Combate de Irani ocorrido em 22 de outubro de 1912 (Anexo A).

O médico Alfredo de Assis Gonçalves faleceu em Curitiba no dia 21 de janeiro de 1948 (COSTA; LIMA, 2007).

DOUTOR ALFREDO DE ASSIS GONÇALVES

¹⁹ O Dia/PR, 22/01/1948, p. 5.

Alfredo de Assis Gonçalves. Family Search. Disponível em <https://ancestors.familysearch.org/en/9HRY-GML/alfredo-de-assis-gon%C3%A7alves-1884-1948>. Acesso 16.março.2020.



Fonte: Correa e Lima, 2007, p. 40.

7. GABRIEL FABRÍCIO DAS NEVES

O inspetor policial que indicou o local onde estavam sepultados os membros do Regimento do Paraná abatidos no Combate do Irani foi Gabriel Fabrício das Neves, natural do Rio Grande do Sul, nascido em 1878, filho de José Fabrício e de Francisca Soares de Miranda. Era inspetor de quartelão ou inspetor policial, na cidade do Irani na época do combate. Foi ele quem providenciou o enterro do monge José Maria e de outros combatentes (sertanejos e militares), conforme relato de seu cunhado, Thomaz Fabricio Neves, no Processo do Irani:

Afirmou ao comissário [Nascimento Sobrinho] que permaneceu três dias em seu paiol, “vindo em sua casa e regressando no mesmo dia para o mesmo paiol de onde só regressou a tardinha”. Ali foi visitado por “seu cunhado Gabriel Fabrício, inspetor do Quarteirão”, que o convidou “para ir ajudar a enterrar os cadáveres”. Ao chegar no Banhado Grande “encontraram vinte e um cadáveres que ali deram sepultura”, entre os quais José Maria e o coronel João Gualberto e “que esses cadáveres apresentavam sinais de saque pois os bolsos se achavam todos virados para fora”. Disse ignorar se moradores locais “tomaram ou não parte do combate”, garantindo que nesse dia, seu tio Miguel Fabrício se achava de cama com um pé destroncado. Por fim alegou “que devido a sua ignorância, nunca desconfiou que os planos de José Maria fossem reais; que nada mais pode informar [...]”. (Processo do Irani, 1913, p. 138-139)

Gabriel Fabrício das Neves era casado com Lúcia Maria Antunes (filha de Francisco José Antunes e Maria Antunes França), e tiveram os seguintes filhos:

- Maria Antunes Fabrício (nascida em 12 de dezembro de 1923)
- Antônio Antunes Fabrício
- Emílio Antunes Fabrício
- Orestes Antunes Fabrício²⁰

Gabriel Fabrício das Neves



Fonte: PMPR (2020)

²⁰ Conforme depoimento de Agenor Antunes das Neves, residente em Irani-SC (filho de Emílio, neto de Gabriel Fabrício das Neves). Disponível em <https://fragmentos-do-tempo.blogspot.com/search?q=Gabriel+Fabr%C3%ADcio+das+Neves>. Acesso 26.março.2020.

8. BENTO QUITÉRIO

Bento Manoel dos Santos, conhecido como Bento Quitério, era o chefe de numerosa família. É referido por vários historiadores, pois foi ao lado da sua casa que João Gualberto montou a metralhadora, e foi onde também o coronel do Regimento de Segurança do Paraná morreu.

Um filho de Bento, Felipe, morreu em combate e foi sepultado no antigo cemitério do Irani. Outro filho, Alfredo, teve participação ativa. Saturnino Manoel dos Santos, irmão de Bento, também estava no combate.

Depoimento de Bento Manoel dos Santos (Bento Quitério)

Auto de perguntas feitas a Bento Manoel dos Santos, vulgo Bento Quitério”, em 19.11.1912, no Faxinal dos Fabrícios, em casa de João Roza.

Estava com 41 anos, era casado, lavrador, filho de Sypriano Manoel de Oliveira, natural do Rio Grande do Sul e residente no Banhado Grande, onde ocorreu o combate. Não sabia ler nem escrever.

No dia do combate ele estava na casa de Fidêncio Fabrício no Faxinal onde “estive em companhia de sua família exceto dois filhos seus de nomes Alfredo e Felipe, os quais o respondente não afirma terem, ou não, tomado parte no combate, pois seu filho de nome Felipe foi ferido, tendo recebido um balaço na cabeça que a atravessou de um lado para outro o qual foi encontrado moribundo no lugar do combate de onde foi retirado por seus irmãos Alfredo e Saturnino; que o conduziram para o Faxinal onde foi enterrado atrás da Igreja, presumindo por isso, o respondente, que seus filhos foram iludidos pelo Monge e por isso obrigados a tomarem parte no combate; que o respondente foi ao acampamento do Monge duas vezes, quando este estava acampado na casa de Thomaz Fabrício, tendo depois disso o respondente encontrando-se, diversas vezes, com o Monge, quando este esteve acampado na casa de Miguel Fabrício”.

Disse que nas ocasiões em que esteve no acampamento do Monge, “notou a presença de duzentos homens, mais ou menos, e muitas famílias; que [...] viu muito armamento como Winchester, espadas e outras armas de fogo”; em conversa com o Monge, “soube deste que tinha vindo de Campos Novos ou Curitiba, e que tencionava parar na Barra do Jacutinga, onde ia residir com a sua gente”.

No dia 20 de outubro, ele “retirou-se de sua casa com sua família, indo também em sua companhia” os filhos [...].



[...] “do Banhado Grande avistou que nas imediações de sua casa, onde tinha se ferido o combate, [...] existiam alguns cadáveres, estendidos sobre o gramado”. Como toda a sua família, Bento ficou impressionado com a cena e por isso “não continuaram a fazer reconhecimento do que existia no lugar do combate, tendo somente sua nora de nome Maria da Glória chegado na casa de onde retirou alguns objetos de que careciam levar para o paiol, e tendo esta contado ao respondente ter visto alguns defuntos inclusive o Monge que se achava junto a um cercadinho, pois a mesma reconheceu perfeitamente o Monge devido tê-lo visto em vida quando este achava-se acampado na casa de Miguel Fabrício”.

Ele ignora que outras pessoas do lugar tenham participado do combate ao lado do Monge; como testemunhas de que não participou do combate e se dirigiu a seu paiol, cita Emília e sua filha Maria, e também Guilhermina, “que o acompanharam” até o citado paiol. Só retornou a sua casa no dia 12.11.1912, onde se acha. (Lindolpho José Gonçalves assinou por ele) (Processo do Irani, 1913, p. 126-127)

Local da residência de Bento Quitério, onde ocorreu o Combate do Irani



Fonte: QUEIROZ, 1967, p. 48.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo destina-se a disponibilizar documentos que possam servir de fontes para pesquisas sobre a Guerra do Contestado, no caso são apresentados os laudos cadavéricos realizados dia 18 de fevereiro de 1913 pelo Doutor Alfredo de Assis Gonçalves que conduziu as exumações e autópsias dos abatidos do Regimento de Segurança do Paraná no Combate do Irani que teve lugar dia 22 de outubro de 1912. Na parte final foi realizada a transcrição desses laudos cadavéricos, bem como anexado as fotos dos documentos originais que se encontram no acervo do Museu Histórico da Polícia Militar do Paraná. A transcrição reproduz integralmente o texto na língua portuguesa atual com todos os elementos constantes do documento (a versão *ipsis literis*, pode ser consultada no anexo).

O texto inicia com dados do depoimento do Tenente Reformado Cantídio da Costa Moreira, um dos combatentes do Irani. Em seguida foram apresentados alguns dados biográficos dos envolvidos no Combate do Irani e no processo das exumações e autópsias dos cadáveres dos abatidos.

Os documentos originais transcritos nesse trabalho foram digitalizados no 1º semestre de 2017 por um grupo de 20 alunos do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar do Paraná que participaram da Oficina de História ministrada pela Professora Ana Paula Ferreira Motta.

REFERÊNCIAS

ARMAS ON LINE. **Baioneta Comblain**. Disponível em <https://armasonline.org/armas-online/restauracao-conservacao-e-avaliacao-de-armas-novas-e-antigas/comblain/>. Acesso 18.setembro.2020.

AVM (Associação da Vila Militar da PMPR). **Homenagem a militares marca os 105 anos do Combate no Irani** (23/10/2017). Disponível em <http://www.avmpmpr.com.br/site/homenagem-a-militares-marca-os-105-anos-do-combate-do-irani/>. Acesso 16.março.2020.

BANDEIRA, Euclides. **O Irany**. O Dia/PR, 16/06/1932, p. 1.

COSTA, Iseu Affonso da; LIMA, Eduardo Correa. **O ensino de medicina na Universidade Federal do Paraná**. 2ª edição. Curitiba: Editora da UFPR, 2007.

DESTEFANI, Cid. **Imagens de um episódio cívico**. Gazeta do Povo de 27/02/2010.

G1. **Irani (SC) relembra combate que deu início à Guerra do Contestado** (22/10/2009). Disponível em <http://g1.globo.com/VCnoG1/0,,MUL1351046-8491,00-IRANI+SC+RELEMBRA+COMBATE+QUE+DEU+INICIO+A+GUERRA+DO+CONT+ESTADO.html>. Acesso 16.março.2020.

IBGE. **O Núcleo Colonial Miguel Calmon – Município de Ivaí**. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/ivai.pdf>. Acesso 16.março.2020.

IFC/Videira (Instituto Federal Catarinense – Campus Videira). **Acadêmicos de Pedagogia visitam sítio arqueológico (09/12/2015)**. Disponível em <http://noticias.ifc.edu.br/2015/12/09/academicos-de-pedagogia-visitam-sitio-arqueologico/>. Acesso 16.março.2020.

MOREIRA, Cantidio da Costa. **A tragédia do Irani**: vem à luz da publicidade um documento de um protagonista dela, revelando episódios inéditos. Diário da Tarde/Curitiba, 10 de agosto de 1938, p. 1-2.

PMPR (Polícia Militar do Paraná). **Campanha do Contestado**. Disponível em <http://www.pmpr.pr.gov.br/Pagina/Campanha-do-Contestado>. Acesso 16.janeiro.2020.

PROCESSO DO IRANI. **Processo contra José Fabrício das Neves e outros, 1913**. Arquivo do Fórum de Palmas.

QUEIROZ, Alexandre Muniz. **Álbum do cinquentenário do município de Joaçaba**. Curitiba: IP, 1967.

ROSA FILHO, João Alves da. **Combate do Irani**. Curitiba: Associação da Vila Militar, 1998.

TRIBUNA. **Pérolas fúnebres: onde ficam os cinco túmulos mais curiosos de Curitiba** (01/11/2016). Disponível em <https://www.tribunapr.com.br/noticias/curitiba-regiao/perolas-funebres-onde-ficam-os-cinco-tumulos-mais-curiosos-de-curitiba/>. Acesso 16 jan.2020.

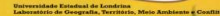
II CONGRESSO BRASILEIRO DA GUERRA DO CONTESTADO
IV COLÓQUIO DE GEOGRAFIAS TERRITORIAIS PARANAENSES
XXXVI SEMANA DE GEOGRAFIA DA UEL

18, 19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2020


Universidade
Estadual de Londrina


Londrina-PR


Observatório de Região e
do Museu de Ciências
da UEL
Londrina-PR


Universidade Estadual de Londrina
Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Qualidade

ANEXO – Pasta 084 - Contestado

Acervo do Museu Histórico da Polícia Militar do Paraná





EXHUMAÇÕES E AUTÓPSIAS

Aos dezoito de Fevereiro de mil novecentos e e treze, no lugar denominado Irany, Município de Palmas, presente o Doutor Procurador de Justiça, foram exumados e autopsiados os cadáveres das praças do Regimento de Segurança, mortos em Combate. O Inspetor policial Gabriel Fabricio das Neves indicou o local onde sepultadas se achavam as mesmas praças. - Era uma sepultura situada próxima a casa do Senhor Bento Quitério. Foi ela aberta e retirados nove cadáveres, que pelo seu adiantado estado de putrefação não puderam ser reconhecidos, motivo porque foi resolvido enumerá-los de acordo com a ordem em que fez-se do modo seguinte:-

CADÁVER Nº 1

Trajava camisa de algodão branco, ceroulas também de algodão branco com cox de zefir, botinas pretas de bezerro e uniforme número três do Regimento de Segurança. - Examinado o corpo encontramos as lesões seguintes:- na metade esquerda do craneo, uma lesão produzida por instrumento cortante, com perda da substância, medindo oito centímetros de extensão e interessando os ossos frontal e temporal, se continuando por uma fratura do parietal do mesmo lado; na porção superior ainda do parietal esquerdo uma lesão de forma mais ou menos circular com perda de substância e tecido, dige e tendo bordos irregulares, medindo mais ou menos um e meio centímetro de diâmetro; fratura da porção posterior do parietal direito e occipital. No tronco e membros não foi encontrada lesão alguma. Feitas estas verificações concluímos ter sido a morte determinada por ferimentos do craneo produzidas por instrumento cortante e contundente e respondemos aos quesitos pelo modo seguinte:- Ao primeiro- sim; 2º instrumento cortante e contundente; 3º prejudicado; 4º- sim; ao 5º e 6º- não.

**II CONGRESSO BRASILEIRO DA GUERRA DO CONTESTADO
IV COLÓQUIO DE GEOGRAFIAS TERRITORIAIS PARANAENSES
XXXVI SEMANA DE GEOGRAFIA DA UEL**

18, 19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2020


Universidade
Estadual de Londrina


Londrina-PR


Observatório de Região e
de Estudos de Climatologia,
Paisagem e Saúde Coletiva
Universidade Estadual de Londrina
Laboratório de Geografia, Territórios, Meio Ambiente e Qualidade

CADÁVER Nº 2

Traja também uniforme número três do Regimento de Segurança. Camisa de algodão com peitinho de oitva vermelha. Camiceta e ceroulas de algodão branco, tendo na 15 feito com linha vermelha no oco, meias de algodão, de cor cinzenta e botinas pretas de bezerro. Apresenta as lesões seguintes:- uma fratura do crâneo de forma semi-circular, começando na metade direita, do frontal e se terminando no temporal esquerdo, essa lesão descreve trajeto de vinte centímetros e foi produzida por instrumento cortante. No parietal direito uma outra lesão interessando toda a parede óssea, dirigida de diante para trás numa extensão de dez centímetros, começando na linha do cabelo e terminando em outro ferimento que forma com o eixo descrito, um ângulo agudo; uma lesão de forma circular na porção posterior do mesmo osso com perda de substância medindo quatro centímetros de diâmetro; uma outra lesão em arco começando na porção do parietal esquerdo e indo terminar no occipital e finalmente fratura no occipital.- terminando e exame concluímos ter sido a morte determinada por ferimento no crâneo por instrumento cortante e contundente e respondemos aos quesitos pelo modo seguinte:- 1º- sim; 2º- instrumento cortante e contundente; 3º- prejudicado; 4º- sim; 5º e 6º não.

CADÁVER Nº 3

Traja uniforme número três do Regimento de Segurança, tendo no braço esquerdo as divisas de cabo, de infantaria. Camisa de algodão com peitinho de fustão, ceroulas e meias de algodão branco.- Apresentava na metade esquerda e porção inferior do frontal uma lesão produzida por instrumento cortante e que formava ângulo reto com outra lesão, partindo da porção externa do mesmo osso se prolongava pelo parietal esquerdo para ir se terminar na porção posterior do parietal direito; fratura da metade esquerda do frontal e finalmente uma fratura coesiva da metade esquerda do occipital de forma mais ou menos circular tendo bordos irregulares com perda de substância e medindo mais ou menos quatro centímetros de diâmetro. Causa Mortis:- Feri-

mento do crâneo por instrumento cortante e contundente. Resposta aos quesitos:- 1º- sim; 2º- instrumento cortante e contundente; 3º- prejudicado; quarto- sim; 5º e 6º- Não.

CADÁVER Nº 4

Traja uniforme número três do Regimento de Segurança. Camisa de algodão branco, ceroulas também de algodão branco.- Tinha no bolso da calça um apito. A blusa apresentava na porção correspondente à metade esquerda do tórax uma efração linear de três centímetros de extensão e na porção superior da manga esquerda uma outra de quatro centímetros. Apresentava as seguintes lesões:- uma lesão produzida por instrumento cortante e começando na metade esquerda e porção média do frontal e se continuando pelo parietal do mesmo lado para se terminar numa fratura coesiva que abrange a porção posterior desse osso e toda a metade esquerda do occipital, fratura da metade esquerda do occipital; fratura do parietal direito se dirigindo horizontalmente para a porção posterior do crâneo numa extensão de quinze centímetros. No tronco e membros não nos foi possível constatar lesão alguma. Causa Mortis:- Ferimento do crâneo por instrumento cortante e contundente.- Resposta aos quesitos:- 1º- sim; 2º- instrumento cortante e contundente; 3º- prejudicado; 4º- sim; 5º e 6º- Não.

CADÁVER Nº 5

Traja uniforme número três do Regimento de Segurança, Camisa e ceroulas de algodão branco perpontado de linha vermelha perneiras e botinas pretas de bezerro. Apresentava as seguintes lesões: fratura do temporal direito, porção superior do frontal e anterior do parietal esquerdo, fratura completa do occipital. Causa Mortis:- Lesão do crâneo, produzida por instrumento contundente.- Resposta aos quesitos:- 1º -sim; 2º- instrumento contundente; 3º- prejudicado; 4º- sim; 5º e 6º- Não.

CADÁVER Nº 6

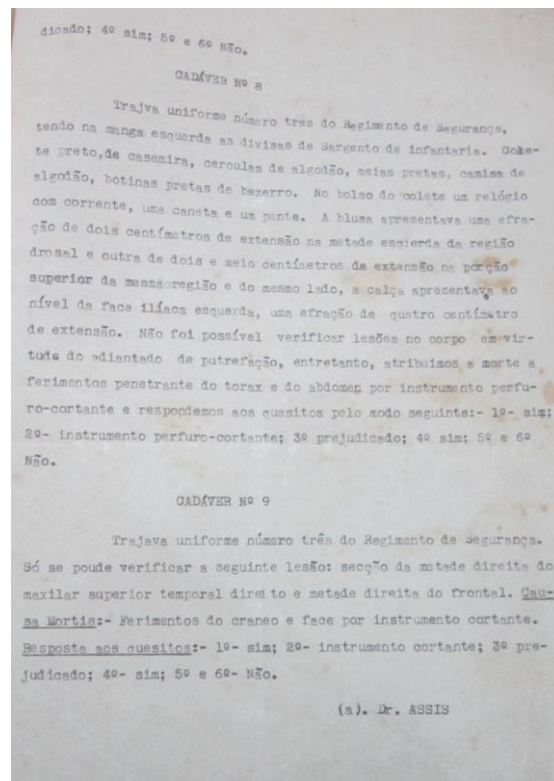
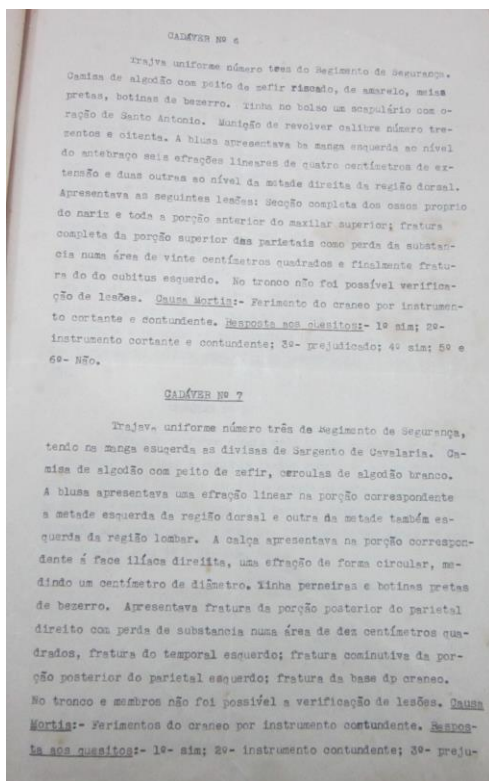
II CONGRESSO BRASILEIRO DA GUERRA DO CONTESTADO
IV COLÓQUIO DE GEOGRAFIAS TERRITORIAIS PARANAENSES
XXXVI SEMANA DE GEOGRAFIA DA UEL

18, 19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2020

UNIVERSIDADE
Estadual de Londrina



Observatório da Região e do Estado de Curitiba, Paraná e Santa Catarina
Londrina-PR
Universidade Estadual de Londrina
Laboratório de Geografia, Territórios, Meio Ambiente e Qualidade



Transcrição do documento original contido na Pasta Nº 084 – Contestado

EXUMAÇÕES E AUTÓPSIAS

Aos dezoito de Fevereiro de mil novecentos e treze, no lugar denominado Irany, Município de Palmas, presente o Doutor Procurador da Justiça, foram exumados e autopsiados os cadáveres das praças do Regimento de Segurança, mortas em Combate. O inspetor policial Gabriel Fabricio das Neves indicou o local onde sepultadas se achavam as mesmas praças. Era uma sepultura situada próxima a casa do senhor Bento Quitério. Foi ela aberta e retirados nove cadáveres, que pelo seu adiantado estado de putrefação não puderam ser reconhecidos, motivo porque foi resolvido enumerá-los de acordo com a ordem em que fez-se do modo seguinte:

CADÁVER Nº 1

4/0

Trajava camisa de algodão branco, ceroulas também de algodão branco com cós de zefir, botinas pretas de bezerro e uniforme número três do Regimento de Segurança. Examinado o corpo encontramos as lesões seguintes: na metade esquerda do crânio uma lesão produzida por instrumento cortante, com perda de substância, medindo oito centímetros de extensão e interessando os ossos frontais e temporal, se continuando por uma fratura do parietal do mesmo lado; na porção superior ainda do parietal esquerdo uma lesão de forma mais ou menos circular com perda de substância e tecido, digito e tendo bordos irregulares, medindo mais ou menos um e meio centímetro de diâmetro; fratura da porção posterior do parietal direito e occipital. No tronco e membros não foi encontrada lesão alguma. Feitas essas verificações concluímos ter sido a morte determinada por ferimento do crânio produzidas por instrumento cortante e contundente e respondemos aos quesitos²¹ pelo modo seguinte: ao 1º – sim; 2º - instrumento cortante e contundente; 3º - prejudicado; 4º - sim; ao 5º e 6º - não.

CADÁVER N° 2

Traja também uniforme número três do Regimento de Segurança. Camisa de algodão com peitinho de chita vermelha. Camiseta e ceroulas de algodão branco, tendo um 18 feito com linha vermelha no cós, meias de algodão, de cor cinzenta e botinas pretas de bezerro. Apresenta as lesões seguintes: uma fratura no crânio de forma semicircular, começando na metade direita, do frontal e se terminando no temporal esquerdo, essa lesão descreve trajeto de vinte centímetros e foi produzida por instrumento cortante; no parietal direito uma outra lesão interessando toda a parede óssea, dirigida de diante para trás numa extensão de dez centímetros, começando no fim desse trajeto um outro ferimento que forma com o acima descrito, um ângulo agudo; uma lesão de forma circular na porção posterior do mesmo osso com perda de substância medindo quatro centímetros de diâmetro; uma outra lesão em arco começando na porção do parietal esquerdo e indo terminar no occipital e finalmente fratura no occipital. Terminado o exame concluímos ter sido a morte determinada por ferimento no crânio por instrumento cortante e contundente e respondemos aos quesitos pelo seguinte modo: ao 1º – sim; 2º - instrumento cortante e contundente; 3º - prejudicado; 4º - sim; ao 5º e 6º - não.

CADÁVER N° 3

Trajava uniforme número três do Regimento de Segurança, tendo no braço esquerdo as divisas de cabo, de infantaria. Camisa de algodão com peitinho de fustão, ceroulas e meias de algodão branco. Apresentava na metade esquerda e porção inferior do frontal uma lesão produzida por instrumento cortante e que formava ângulo reto com outra lesão, partindo da porção externa do mesmo osso se prolongava pelo parietal esquerdo para ir se terminar na

²¹ Nota: nem sempre os quesitos formulados estão destacados no processo de exumação e autópsia, como é o caso do documento aqui transcrito.

porção posterior do parietal direito; fratura na metade esquerda do frontal e finalmente uma fratura cominutiva da metade esquerda do occipital de forma mais ou menos circular tendo bordos irregulares com perda de substância e medindo mais ou menos quatro centímetros de diâmetro. Causa Mortis: ferimento do crânio por instrumento cortante e contundente. Respostas aos quesitos: 1º – sim; 2º - instrumento cortante e contundente; 3º - prejudicado; 4º - sim; 5º e 6º - não.

CADÁVER N° 4

Trajava uniforme número três do Regimento de Segurança. Camisa de algodão branco, ceroulas também de algodão branco. Tinha no bolso da calça um apito. A blusa apresentava na porção correspondente à metade esquerda do tórax uma efração linear de três centímetros de extensão e na porção superior da manga esquerda uma outra de quatro centímetros. Apresentava as seguintes lesões: uma lesão produzida por instrumento cortante e começando na metade esquerda e porção média do frontal, continuando pelo parietal do mesmo lado para se terminar numa fratura cominutiva que abrange a porção posterior desse osso e toda a metade esquerda do occipital, fratura da metade esquerda do occipital; fratura do parietal direito se dirigindo horizontalmente para a porção posterior de crânio numa extensão de quinze centímetros. No tronco e membros não nos foi possível constatar lesão alguma. Causa Mortis: ferimento do crânio por instrumento cortante e contundente. Resposta aos quesitos: 1º – sim; 2º - instrumento cortante e contundente; 3º - prejudicado; 4º - sim; 5º e 6º - não.

CADÁVER N° 5

Trajava uniforme número três do Regimento de Segurança, camisa e ceroulas de algodão branco pespontada de linha vermelha, perneiras e botinas pretas de bezerro. Apresentava as seguintes lesões: fratura do temporal direito, porção superior do frontal e anterior do parietal esquerdo, fratura completa do occipital. Causa Mortis: lesão do crânio produzida por instrumento contundente. Resposta aos quesitos: 1º – sim; 2º - instrumento contundente; 3º - prejudicado; 4º - sim; 5º e 6º - não.

CADÁVER N° 6

Trajava uniforme número três do Regimento de Segurança. Camisa de algodão com peito de zefir riscado de amarelo, meias pretas, botinas de bezerro. Tinha no bolso um escapulário com o coração de Santo Antônio. Munição de revólver calibre número trezentos e oitenta. A blusa apresentava na manga esquerda, ao nível do antebraço, seis efrações lineares de quatro centímetros de extensão e duas outras ao nível da metade direita da região dorsal. Apresentava as seguintes lesões: seção completa dos ossos próprios do nariz e toda a porção anterior do maxilar superior; fratura completa da porção superior das parietais como perda da substância numa área de vinte

centímetros quadrados e finalmente fratura do cúbito esquerdo. No tronco não foi possível verificação de lesões. Causa Mortis: ferimento do crânio por instrumento contundente. Resposta aos quesitos: 1º – sim; 2º - instrumento cortante e contundente; 3º - prejudicado; 4º - sim; 5º e 6º - não.

CADÁVER N° 7

Trajava uniforme número três do Regimento de Segurança, tendo na manga esquerda as divisas de Sargento de Cavalaria. Camisa de algodão com peito de zefir, ceroulas de algodão branco. A blusa apresentava uma efração linear na porção correspondente a metade esquerda da região dorsal e outra na metade também esquerda da região lombar. A calça apresentava na porção correspondente à face ilíaca direita, uma efração de forma circular, medindo um centímetro de diâmetro. Tinha perneiras e botinas pretas de bezerro. Apresentava fratura da porção posterior do parietal direito com perda de substância numa área de dez centímetros quadrados, fratura do temporal esquerdo; fratura cominutiva da porção posterior do parietal esquerdo; fratura da base do crânio. No tronco e membros não foi possível a verificação de lesões. Causa Mortis: ferimentos do crânio por instrumento contundente. Resposta aos quesitos: 1º – sim; 2º - instrumento contundente; 3º - prejudicado; 4º - sim; 5º e 6º - não.

CADÁVER N° 8

Trajava uniforme número três do Regimento de Segurança, tendo na manga esquerda as divisas de Sargento de Infantaria. Colete preto de casimira, ceroulas de algodão, meias pretas, camisa de algodão, botinas pretas de bezerro. No bolso do colete um relógio com corrente, uma caneta e um pente. A blusa apresentava uma efração de dois centímetros de extensão na metade esquerda da região dorsal e outra de dois e meio centímetros de extensão na porção superior da mesma região e do mesmo lado, a calça apresentava ao nível da face ilíaca esquerda, uma efração de quatro centímetros de extensão. Não foi possível verificar lesões no corpo em virtude do adiantado de putrefação, entretanto, atribuímos a morte a ferimentos penetrante do tórax e do abdômen por instrumento perfuro-cortante e respondemos aos quesitos pelo modo seguinte: 1º – sim; 2º - instrumento perfuro-cortante; 3º - prejudicado; 4º - sim; 5º e 6º - não.

CADÁVER N° 9

Trajava uniforme número três do Regimento de Segurança. Só se pode verificar a seguinte lesão: seção da metade direita do maxilar superior temporal direito e metade direita do frontal. Causa Mortis: ferimentos do crânio e face por instrumento cortante. Resposta aos quesitos: 1º – sim; 2º - instrumento cortante; 3º - prejudicado; 4º - sim; 5º e 6º - não.



(a). Dr. Assis